

**ESTUDAR OS MUSEUS E PATRIMÔNIOS NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO: CAMINHOS POSSÍVEIS****STUDYING MUSEUMS AND HERITAGE IN THE PERSPECTIVE OF HISTORY OF
EDUCATION: POSSIBLE TRAILS**Ana Carolina Gelmini de Faria¹Iandora de Melo Quadrado²

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre a importância da pesquisa em História dos Museus a partir da História da Educação, a fim de se construir uma história da educação em museus. Tendo por recorte o cenário brasileiro, o texto evidencia que o desenvolvimento e a consolidação do campo dos museus teve a educação como um aspecto central no aprimoramento das práticas museais, tornando-se uma de suas funções básicas e uma das razões que justifica a importância social desses espaços culturais. Para identificar as diferentes abordagens sobre a educação nos museus brasileiros, pesquisas desse viés foram agrupadas em três eixos, correspondendo o ternário Museu/ Território, Objeto/Patrimônio e Homem/ Sociedade: museus escolares e setores educativos de museus; patrimônio educativo; e agentes do campo dos museus que legitimaram a educação em museus. As pesquisas realizadas, bem como os espaços de salvaguarda da cultura material apresentados, exemplificam as oportunidades de investigação sobre inúmeros estudos de caso da Museologia brasileira ainda não explorados com ênfase na História da Educação.

Palavras-chave : História dos Museus. História da Educação. Campo dos Museus.

Abstract: This work presents a reflection on the importance of research in History of Museums from the History of Education perspective, in order to create a history of education in museums. Focusing on the Brazilian scenario, it indicates that the development and consolidation of the museum field had education as a central aspect towards the enhancement of museum practices, becoming one of its basic functions and one of the reasons that justify the social importance of these cultural spaces. To identify the different approaches on education in Brazilian museums, researches of this nature were grouped in three emphasis, corresponding the ternary Museum/Territory, Object/Heritage and Men/Society: school museums and museum's education department; educational heritage; and museum field agents that legitimized museum education. The researches carried out, as well as the presented safeguarding spaces of material culture, exemplify investigation opportunities on countless case studies of Brazilian Museology that have not yet been explored in a History of Education emphasis.

Keywords: History of Museums. History of Education. Museum Field.

¹ Museóloga (UNIRIO), mestre e doutora em Educação (UFRGS). Docente do curso de bacharelado em Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS) e da Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma Universidade (PPGMUSPA/UFRGS). Coordenadora da pesquisa "O CAMPO DOS MUSEUS BRASILEIRO: uma História dos Museus a partir da atuação de seus agentes", cadastrado na PROPESQ/UFRGS. E-mail: carolina.gelmini@ufrgs.br

² Historiadora (UNILASALLE), especialista em História do Brasil Contemporâneo (FAPA) e discente do curso de bacharelado em Museologia/UFRGS. Bolsista do Programa de Iniciação Científica BIC/UFRGS pelo projeto "O CAMPO DOS MUSEUS BRASILEIRO: uma História dos Museus a partir da atuação de seus agentes". E-mail: iandoramelo@gmail.com

CONVITE A UMA REFLEXÃO: a procura de indícios de uma História da Educação em Museus

Em 2018, mais precisamente entre os dias 9 e 11 de outubro, ocorreu no Museu Histórico Nacional³ uma edição do Seminário Internacional, evento organizado anualmente por essa instituição, que teve como debate central o tema “Museu e Educação - 60 anos da Declaração do Rio de Janeiro”. Tendo como ponto de partida o “Seminário Regional sobre a Função Educativa dos Museus”, planejado pela *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*⁴ (UNESCO) em 1958 no Rio de Janeiro, a proposta foi celebrar a declaração por meio de conferências, mesas redondas, painéis temáticos, relatos de experiências e uma exposição de curta-duração organizada no *hall* do auditório do Museu.

A realização do evento no Museu Histórico Nacional não foi por acaso. A instituição foi uma das visitas agendadas na programação de 1958. Na abertura do evento da década de 1950, no balanço das necessidades da educação em museus em perspectiva internacional, dois apontamentos, entre os vários elencados, voltaram-se para o corpo funcional e qualificação do profissional em museus - “[...] 2) necessidade de aumentar o pessoal técnico e recrutar especialistas; 3) criação de escolas de museografia para pessoal técnico e guias” (SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO..., 1958, [s.n.t.]) -, esses aspectos eram contemplados naquele período pelo Museu Histórico Nacional, através do Curso de Museus⁵.

Os participantes do evento foram recepcionados pela conservadora de museus Nair de Moraes Carvalho, na época funcionária do Museu Histórico Nacional, professora e coordenadora do Curso de Museus. Eles tiveram a oportunidade de participar uma aula do Curso, visitar a seção de restauração de obras de arte, conhecer o arquivo e a biblioteca da instituição, bem como acompanhar uma visita guiada pelas salas de exposição do Museu (VISITA GUIADA..., 1958). As palavras de Nair de Moraes Carvalho, registradas pelo

³ O Museu Histórico Nacional localiza-se na Praça Marechal Âncora, s/nº, Centro - Rio de Janeiro - RJ, Brasil.

⁴ Tradução livre: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

⁵ O Curso de Museus, fundado no Museu Histórico Nacional através do Decreto-lei 21129/1932, visava formar profissionais especializados para o trabalho nos museus com o título de conservadores de museus, oficialmente intitulados em 1966 de museólogos. Em 1977 foi incorporado à Federação das Escolas Federais Isoladas do Rio de Janeiro (FEFIERJ), atual Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como curso de Museologia.

Jornal Diário de Notícias, ainda que direcionadas para a atuação do Museu Histórico Nacional, dão pistas de que a educação em museus era um tema que as equipes dos museus brasileiros tinham interesse e engajamento. No caso do Museu Histórico Nacional, identifica-se pelo pronunciamento da conservadora de museus que a ênfase era dada às visitas guiadas e à visibilidade do próprio Curso de Museus como uma atividade de ensino formal da instituição:

Em nome do dr. Gustavo Barroso [que, segundo a reportagem, se restabelecia de uma longa enfermidade] e no meu próprio felicito a iniciativa da UNESCO pela realização deste Seminário, de tão alta expressão e de aproximação dos estudiosos da museologia [...] Sobem a milhares os meninos e rapazes que frequentam em grupos vindos dos estabelecimentos de instrução as salas e mostruários do MHN. É trabalho de rotina visitas escolares e dirigidas em que os alunos são acompanhados pelos professores e conservadores, com divisões em grupos pequenos e rápidas preleções; visitas escolares livres, visitas combinadas e mais visitas com verdadeiras aulas de estudantes de cursos superiores como da Escola Naval e Escola Militar e Faculdade de Filosofia. [...] O Curso de Museus estabeleceu um foco de cultura e aprimoramento, de criação de especialistas, do qual saíram com seus diplomas de museologistas todos os atuais conservadores de museus oficiais do Brasil. O estabelecimento da cadeira Técnica de Museus e publicação do livro didático⁶ de autoria do dr. Gustavo Barroso alicerçou princípios esparsos, estabeleceu os rumos teóricos e a aplicação prática dos estudos respectivos. (SEMINÁRIO DE MUSEUS..., 1958, [s.n.t.])

Um dos registros da visita técnica dos participantes do Seminário Regional de 1958 ao Museu Histórico Nacional foi a imagem de destaque da programação do evento de 2018. Compreendendo o evento da década de 1950 como um marco para o campo dos museus, ele esteve presente em todo Seminário Internacional do Museu Histórico Nacional, ora como tema central, ora como ponto de partida para debates contemporâneos - tais como globalização e novos horizontes do conhecimento, assuntos que, inclusive, encontram-se nas pautas atuais da UNESCO⁷.

⁶ Nair de Moraes Carvalho refere-se aos volumes 1 e 2 do livro *Introdução à Técnica de Museus*, escrito pelo diretor do Museu Histórico Nacional da época, Gustavo Barroso, publicados em 1946 e 1947 respectivamente, e reeditados na década de 1950 devido ao rápido esgotamento.

⁷ Para mais informações sobre a atuação da UNESCO e os temas citados, sugerimos a consulta ao documento final da conferência *Rethinking Education in a Changing World: Meeting of the Senior Experts' Group* (2013) em https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000224743_spa e do livro *Rethinking Education: Towards a global common good?* (2015) em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232697>. Os documentos estão disponibilizados pela UNESCO Digital Library na versão em espanhol. Acesso em 22 fev. 2019.

A conferência de abertura do evento de 2018, intitulada *Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus: um marco internacional*, teve o museólogo Mário de Souza Chagas como um dos participantes. Em sua análise, o campo museal deu, até então, pouca atenção ao Seminário Regional da UNESCO, embora tenha sido organizado com uma complexidade - 22 dias de programação⁸ - que permitiu diagnósticos e perspectivas aprofundadas sobre o tema educação em museus a partir de debates coletivos, viagens e visitas técnicas com cobertura dos jornais do período, o que potencializa ricos cruzamentos de fontes⁹. Esse diagnóstico pode ser alargado: há a necessidade de mais pesquisas sobre a educação em museus em uma perspectiva histórica e essa construção pode se dar, entre outras articulações, com o campo da História da Educação. Uma produção diversificada e contínua nesse recorte possibilitaria responder muitas questões sobre a contribuição social que os museus assumiram (ou não) ao longo de suas existências.

Possamai (2012) propõe uma reflexão sobre o conceito de patrimônio como uma categoria para as investigações em História da Educação. A autora parte de três considerações: os documentos disponíveis; e as interfaces da História da Educação com a História e com a Educação. Seus apontamentos ressaltam que investigar o patrimônio na perspectiva da História da Educação exige um esforço em compreendê-lo, "[...] retirando-o da naturalização, percebendo sua historicidade e seus múltiplos caminhos de apropriação social" (Ibidem, p.119). Concordamos com a autora, pois também acreditamos que os espaços museais possuem uma historicidade educativa a ser investigada que, ainda que não identificada nas práticas contemporâneas - prioritariamente por falta de pesquisas -, influenciam diretamente as dinâmicas instituídas nesses espaços com o patrimônio cultural.

Para Stephanou e Bastos (2005), a História da Educação é um campo capaz de abranger estudos que vão do ensino institucionalizado aos processos de aprendizagem e socialização, o que a torna um espaço de múltiplas pesquisas. Compreender a História da Educação nessa perspectiva é ampliar o escopo de investigações no campo museal,

⁸ Para informações detalhadas do evento, consultar: RIVIÈRE, Georges Henri. *Seminário Regional de la Unesco sobre la función educativa de los museos*. UNESCO; ICOM, 1958. 67p.

⁹ Informação verbal proferida por Mário de Souza Chagas na Conferência de Abertura "Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus: um marco internacional" do *Seminário Internacional Museu e Educação*, realizado no Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro em 9 out. 2018.

processo que potencializa a construção, por meio da articulação de pesquisas com diferentes enfoques, de uma escrita sobre a História da Educação em Museus. Essa possibilidade é endossada pelo verbete desenvolvido por Bastos (2006, p.67) sobre História da Educação: “[...] remete à memória cultural, às questões de cultura e das práticas que são engendradas no cotidiano de cada sociedade, pelo Estado, pelas instituições não-oficiais, grupos de interesse não-escolares, professores, estudantes e outros atores sociais”.

Pretende-se socializar algumas das pesquisas que consideramos indícios da constituição de uma História da Educação em Museus para, por meio destes trabalhos, apresentar possíveis enfoques analíticos em futuras investigações. Salienta-se que não há a intenção de se apresentar um diagnóstico com arrolamento de estudos nessa área, ao contrário, as pesquisas que serão comentadas foram selecionadas porque de alguma forma cruzaram o itinerário acadêmico das autoras deste artigo e foram consideradas exemplos da amplitude da História da Educação em Museus, bem como reforçam a necessidade de contínua imersão investigativa nessa área/campo.

Sugere-se, para fins de organização, uma reflexão embasada nos três eixos que definem as demandas da Museologia, sintetizadas pelo ternário Homem, Objeto e Museu ou, pelos preceitos da Museologia Social, constituídos pelo ternário Sociedade, Patrimônio e Território (CURY, 2009). Na perspectiva da História da Educação em Museus trataremos como recorte analítico o Museu/Território = setores educativos e museus escolares; Objeto/Patrimônio = patrimônio educativo; Homem/ Sociedade = ênfase nos agentes do campo dos museus que legitimaram a educação em museus.

MUSEU/TERRITÓRIO = setores educativos e museus escolares

A aceção moderna de museu surgiu no contexto da Revolução Francesa com um caráter nacionalista e educacional, com vistas a difundir o civismo, instruindo o povo sobre seu patrimônio e sua história (JULIÃO, 2006). Assim, evidencia-se o papel instrutivo assumido pelo museu desde que abriu suas portas ao público, antes reservado a um grupo seletivo, nos chamados gabinetes de curiosidade.

Como aponta Pereira (2010), o processo que deu origem à configuração dos museus está intimamente ligado à trajetória da educação, e no que se refere ao contexto

brasileiro, faz sentido propor uma análise da História da Educação em Museus. Conforme afirmamos anteriormente, a dimensão educativa sempre esteve presente nas prerrogativas dos museus, mas é importante salientar que embora essas instituições tenham sempre evocado o seu papel educativo, nem sempre conseguiram colocar em prática de forma sistemática atividades educacionais, assumindo de fato sua função educativa. Para compreendermos melhor essa afirmação, cabe verificar a diferenciação proposta por Pereira (2010) em relação aos termos dimensão educativa e função educativa:

Os termos dimensão e função devem ser utilizados de acordo com a conjuntura histórica analisada. O museu tem várias dimensões que se complementam. A dimensão educacional, por exemplo, é inerente ao seu surgimento e o acompanha em todos os momentos de sua história. Essa dimensão passa a tomar contornos que vão além de uma aura educacional permanente quando o museu passa a requerer para si uma estrutura funcional que possibilite o exercício educativo de forma organizada com objetivos definidos. Ou seja, dá-se assim início ao processo de institucionalização de suas práticas educativas. Neste contexto, que será aprofundado adiante, o museu passou a conviver com uma nova perspectiva educacional: a função educativa. (Ibidem, p.19)

Ao apontar a distinção entre dimensão educativa e função educativa a autora problematiza até que ponto os museus têm, ao longo da história, efetivamente desempenhado suas funções de caráter educativo, ultrapassando, assim, uma mera aura de instituição educacional. No intuito de trazer à tona a História dos Museus no Brasil e sua função educativa, Pereira (2010) analisa a trajetória do Museu Nacional¹⁰, que demonstrou desde o seu surgimento uma preocupação com as questões educacionais, ainda que não de forma sistemática, o que viria a acontecer somente em 1926 com a criação da Seção de Assistência ao Ensino da História Natural.

Nos primeiros anos de funcionamento, o Museu Nacional possuía contornos de um museu enciclopédico, característico do período, e se percebe que desde o princípio manteve contato com instituições de ensino, uma vez que:

[...] encontramos desde o ano de 1822, uma série solicitações feitas ao Museu que comprovam sua ampla relação com as instituições de ensino e

¹⁰ Foi o primeiro museu brasileiro, criado por D. João VI em 1818 e nomeado de Museu Real. Tinha caráter puramente científico e reunia os exemplares naturais do Brasil, visando propagar os estudos e as ciências naturais do país. Era considerado também um local para contemplação das riquezas acumuladas (PEREIRA, 2010).

configuram uma rede de interesses educacionais que podem nos ajudar a compreender o papel desempenhado pelo Museu e sua dimensão educativa, mesmo antes dessas solicitações se tornarem institucionalizadas e reconhecidas como uma das funções do Museu: a educativa. (PEREIRA, 2010, p. 122)

Assim, evidencia-se que desde o começo de suas atividades o Museu Nacional teve um importante papel como difusor do conhecimento em uma época em que o país carecia de instituições de ensino superior. Essa dimensão educativa se prolongou nas décadas seguintes, contudo, sem assumir um caráter metódico. No início do século XX, os museus foram influenciados pelas mudanças de paradigmas científicos que levaram a uma diversificação das instituições de pesquisa e, neste contexto, o Museu Nacional passou a explicitar sua função educativa a partir do Regulamento de 1912, que em seu artigo 59 previa a criação de um Museu Escolar (PEREIRA, 2010).

Pode-se afirmar que o Museu Nacional representa um exemplo de instituição que sempre se dedicou à dimensão educacional e que gradativamente passou a exercer a educação como uma missão institucionalizada, com metas, objetivos e atendimentos específicos (LOPES, 1997). No ano de 1926, foi criada a Seção de Assistência ao Ensino de História Natural, durante a gestão de Edgar Roquette Pinto (diretor do Museu Nacional entre 1926-1935):

[...] a partir daí podemos observar com bastante riqueza de detalhes as transformações vividas pelo Museu Nacional no sentido de fortalecer seu aspecto educacional. As ações tornaram-se sistemáticas e rotineiras, toda a estrutura do Museu foi envolvida na tarefa de propagar a ciência e a educação. (PEREIRA, 2010, p.130)

Para Roquette Pinto, os museus de História Natural, como o Museu Nacional, deveriam servir como instituições de apoio ao sistema educacional, promovendo o conhecimento e os métodos da ciência às novas gerações (LOPES, 1997). Conforme Pereira (2010), as escolas criaram uma relação de dependência com o Museu no período de existência da Seção de Assistência ao Ensino, quando “[...] compreenderam todo o potencial desses espaços para o engrandecimento das práticas educativas e se beneficiaram da relação ao solicitar os materiais e o apoio oferecido pelo museu” (Ibidem, p. 152).

O Museu Nacional estava ciente do seu papel educativo e foi no país a primeira experiência de institucionalização das práticas educativas em museus. Dessa forma, se evidenciam as aproximações existentes entre o papel educativo desempenhado pelos museus e os novos métodos de escolarização em voga na época. Ressalta-se, também, que durante a gestão de Roquette Pinto as escolas foram incentivadas a montarem seus próprios gabinetes de História Natural, com o objetivo de coletar, tratar e classificar suas coleções (LOPES, 1997).

Esse incentivo ocorreu em um período em que os museus escolares se disseminavam em vários locais do Brasil, exercendo um papel relevante nas novas metodologias pedagógicas. Conforme avalia Witt (2016), existe uma invisibilidade sobre a história dos museus escolares no âmbito dos estudos da Museologia, sendo que o mesmo não ocorre na História da Educação. Ao constatar essa lacuna, a autora propôs um estudo sobre a história do Museu de História Natural do Colégio Anchieta, criado em 1908 e inserido no contexto nacional da época: “[...] além do caráter científico, os museus de História Natural também se preocuparam com seu caráter educativo” (Ibidem, p.39). Levando em conta que os museus foram as primeiras instituições científicas no Brasil - antecedendo as universidades - abordar a trajetória de um museu científico, instalado dentro de um colégio, que estava em consonância com o discurso de outros grandes museus como o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, e o Museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, nos permite compreender não apenas como se davam as práticas escolares no âmbito das ciências, mas qual o papel e a contribuição social dos museus, constituindo uma História da Educação em Museus.

De acordo com Petry (2013, p.82), “estudos historiográficos do campo educativo indicam que os museus escolares foram impulsionados por outra modalidade de museus, os pedagógicos”. Os museus pedagógicos funcionavam como instituições formadoras de professores, espaços que em geral possuíam bibliotecas, produziam e distribuía períodos e livros voltados aos modernos métodos e materiais de ensino, com a finalidade de instrumentalizar a prática dos professores (Idem, 2013).

O método usado pelos museus escolares era o Lições das Coisas, composto por materiais que permitiam a visualização real e concreta dos temas abordados em aula. É neste contexto que se insere o Museu de História Natural do Colégio Anchieta, fundado

pelo Pe. Pio Buck, cuja história se vincula às trajetórias dos seus agentes em suas práticas voltadas para o ensino e a pesquisa (WITT, 2016).

Finalmente, é importante salientar que a história do Museu de História Natural do Colégio Anchieta contribui para contar a história dos primeiros museus brasileiros, sendo um Museu de História Natural constituído dentro de um espaço escolar (WITT, 2016). Dito isso, é preciso reforçar que para além de sua função educativa, o Museu de História Natural também desempenhou sua função de instituição de pesquisa, inserido em um contexto em que a produção de conhecimento científico estava em consonância com as propostas pedagógicas da época, que dentre outras coisas, buscava aprimorar o ensino a partir de um viés cientificista.

Nesse sentido, trabalhos como os de Pereira (2010) e Witt (2016) evidenciam a importância de pesquisas que tenham por objeto de estudo setores educativos e museus escolares. As autoras demonstram que as atividades exercidas pelas instituições museais tinham um compromisso com a produção do conhecimento científico e com o aprendizado pelo viés da educação visual - muitas operando, inclusive, em rede, como é o caso do Museu Nacional, que colaborava com vários museus escolares. As estratégias educativas implementadas pelos museus ainda estão por ser amplamente mapeadas e aprofundadas, embora já denotem uma influência direta nas decisões museográficas adotadas por esses espaços.

OBJETO/PATRIMÔNIO = patrimônio educativo

Entre as possíveis articulações da Museologia com a Educação, o patrimônio educativo talvez seja a abordagem mais pesquisada na perspectiva da História da Educação, em especial no que tange o patrimônio escolar. O interesse de ambas as áreas do conhecimento por essa materialidade perpassa diversos enfoques: mapeamento e recuperação de vestígios das práticas educativas; estratégias de preservação e gestão desse acervo; políticas de difusão do patrimônio educativo. Ressalta-se, ainda, que o direcionamento das pesquisas com esse contorno alcança objetos de estudos dos mais distintos: da cultura material móvel (cadernos e uniformes, por exemplo) aos imóveis (como edificações escolares); a trajetória do ensino primário ao superior, seja em nível abrangente (sistema educacional) ou em escala reduzida (uma formação especializada).

De acordo com Souza (2013), o tema patrimônio escolar no debate público, político e especializado no campo da preservação é relativamente recente, configurando-se ainda como um desafio a ser enfrentado, embora com crescente engajamento de pesquisa:

[...] O tema do patrimônio tem mobilizado o interesse de inúmeros investigadores e resultado em uma multiplicidade de práticas de conservação, inventário e estudo da cultura material. Vale a pena notar que os estudos sobre cultura escolar na busca incansável por vestígios das práticas foram significativamente importantes no direcionamento dos pesquisadores para a consulta aos arquivos escolares, quase sempre encontrados em estado lamentável de organização e conservação. Amontoados em porões, debaixo de escadas, em salas apertadas, distribuídos ao acaso em armários e caixas, descuidados e sem interesse, documentos, quase sempre administrativos, além de coleções de instrumentos científicos, livros didáticos, móveis antigos, troféus, medalhas, entre outros objetos, sobrevivem a intempéries, goteiras, condições de insalubridade, falta de identificação, organização e armazenamento adequado na maioria das escolas. Os relatos dos investigadores são abundantes e se multiplicam em relação a diversas localidades e regiões do País. (Idem, p.204-205)

Ressalta-se o processo apontado por Souza (2013), no qual a pesquisa na perspectiva da História da Educação direciona a percepção de coisas para a constituição de patrimônios, ou seja, itens amontoados em documentos a serem preservados. Esse é um resultado da interpretação da relação do homem, sujeito que conhece, com o objeto, ambos em um mesmo contexto - a Realidade - no qual esse sujeito tem o poder de agir (GUARNIERI, 2010 [1990]). Esse processo, denominado na Museologia de *fato museal*, produz a cultura material. Segundo Horta (2014, p.47-48):

O que chamamos de "documentos" é, antes de tudo, uma "coisa" - um pedaço de papel ou uma forma tri-dimensional. O ato que constitui essas coisas em documentos é o mesmo ato pelo qual as constituímos como "objetos" - isto é, o ato de olhar para elas com os olhos da mente, e assim processar todas as informações e significados que eles possam carregar. [...] Se tal processo mental não acontece durante esse encontro do sujeito com o objeto, os objetos dos museus e do patrimônio não são mais do que simples "coisas" [...]. A informação e o sentido contidos em um objeto não são fixos e cristalizados nele. É a mente e a percepção do observador, o sujeito, que vai investir o objeto com significados. Em todo objeto, tangível ou intangível, há todo um universo de informação. A percepção desses dados vai variar no tempo e de indivíduo para indivíduo.

O fato museal aplicado na ação museal, processo denominado de musealização, resulta em um método interdisciplinar que se preocupa com a produção da informação a

partir dos objetos, e que tem por critérios a documentalidade, testemunhalidade e fidelidade (GUARNIERI, 2010 [1990]). A autora reforça: “*A relação do Homem com o seu meio, seja em termos de mera apreensão da realidade, seja de ação sobre essa mesma realidade, implica realização humana em termos de consciência, de consciência crítica e histórica, de consciência possível*” (Ibidem, p.206, grifos da autora). Felgueiras (2005, p.98) exemplifica esse processo ao analisá-lo no contexto da herança educativa:

Este olhar que urge sobre o património educativo não pode ficar preso no saudosismo triste e ineficaz. Inserido no espaço de vida dos investigadores e professores, somos os primeiros responsáveis pelo seu estudo, conservação e valorização. Se defendermos que ele pode e deve ser um contributo para o desenvolvimento local, isso se deve não apenas aos significados que lhe atribuímos, mas, principalmente, ao pressuposto de que investigadores, docentes e alunos são cidadãos capazes de colaborarem num desenvolvimento integrado. [...] importa salientar que o património escolar não pode ser visto como um conjunto de objectos folclóricos de um passado que se desconhece, mas tem de ser integrado na transformação dos contextos escolares e da relação da docência com a cultura.

Se traçarmos uma análise cronológica em um recorte brasileiro, poderíamos salientar os patrimônios preservados e disseminados pelo Pedagogium, fundado em 1890 e definitivamente extinto em 1919 (BASTOS, 2002), os museus escolares que preservam até hoje o patrimônio educativo, como o Museu de História Natural do Colégio Anchieta, criado em 1908 em Porto Alegre (WITT, 2016) e a atuação de setores de museus que se institucionalizaram para concentrar as iniciativas que desenvolviam no campo da educação - tais como preparação de coleções didáticas para a montagem de museus escolares -, como a 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional, instituída em 1926 (PEREIRA, 2010). Mas, para exemplificar o processo de musealização do patrimônio educativo, selecionamos experiências contemporâneas de dois enfoques: uma que contribui para a construção de uma história da educação regional e outras duas direcionadas para a história de ensinamentos especializados.

No primeiro caso destacamos a atuação do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE), vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), fundado em 2002. Na página eletrônica do CEIHE, há a informação de que o grupo de pesquisadores (com participação de cerca de 50 membros)

trabalha com dois vieses: centro de documentação (CEDOC) e centro de pesquisa (CENTRO DE ESTUDOS..., s.d.). De acordo com Arriada, Tambara e Teixeira (2015, p.317) a criação do CEIHE ganhou força e visibilidade ao “[...] salientar o trabalho desempenhado não apenas em relação às possibilidades de desenvolvimento de pesquisa, mas, também, pelo caráter de preservação, catalogação e divulgação do acervo constituído”.

O CEDOC-CEIHE tem o compromisso de preservar indícios das práticas do campo da educação escolar. Entre seus objetivos estão “Disponibilizar um acervo documental (fontes impressas, manuscritas e iconográficas); [e] [...] Reconstituir a materialidade das rotinas e do cotidiano escolar: carteiras escolares, mesas, lousas, lápis, canetas, palmatórias, cadernos escolares, manuais escolares, etc.” (TAMBARA, ARRIADA, TEIXEIRA, 2012, p.5887). De acordo com Castro e Gastaud (2017), o CEDOC-CEIHE se caracteriza por salvaguardar acervos de três tipologias - museológico, bibliográfico e arquivístico -, tendo por fio condutor a História da Educação. No CEDOC-CEIHE é realizado um processo de gestão de acervos que, ao aplicar as práticas museográficas, potencializa os itens incorporados à condição de fontes de informação. Ao disponibilizá-los para futuras pesquisas, o CEIHE contribui para o fortalecimento de uma História da Educação brasileira pelo viés da cultura material.

Cabe também ressaltar iniciativas de preservação, pesquisa e comunicação de evidências materiais com recortes mais específicos, como o Núcleo de Memória da Museologia Brasileira (NUMMUS), organizado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Criado no ensejo das comemorações dos 75 anos do curso de Museologia da UNIRIO (SÁ, 2007), suas coleções são diversificadas, compostas por fotografias, textos originais, diplomas, cadernos de anotações, livros de formatura, entre outros, e compreende a história do primeiro curso em Museologia no país - o Curso de Museus, instituído por decreto em 1932 no Museu Histórico Nacional - até a formação nos dias atuais. Em sua página no Facebook¹¹ é possível acompanhar as diferentes ações de disseminação do acervo, como eventos e documentários sobre profissionais dos museus.

Para Siqueira, Granato e Sá (2008, p.114) “[...] as atividades desenvolvidas no NUMMUS constituem-se como um importante fator para o delineamento e preservação da identidade do grupo a que se referem, estabelecendo relações entre passado, presente e

¹¹ Para acessar o Facebook do NUMMUS, disponível em: <https://www.facebook.com/nummus.unirio/>. Acesso em 8 mar. 2019.

futuro”. O NUMMUS tornou-se um convergente de fontes de informação e subsidia inúmeras pesquisas que abordam a Museologia brasileira. Sua política incentivada, inclusive, constantes doações por parte de agentes que participaram do campo dos museus, ampliando sua visibilidade e legitimidade como espaço de investigação.

A atuação do NUMMUS inspirou novas iniciativas no cenário brasileiro, como o programa *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, idealizado a partir dos debates da comemoração dos 10 anos dessa graduação, em 2018. Instalado no Laboratório de Pesquisa e Extensão Museológica (LAPEM) do curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o programa possui sete eixos de trabalho - coleções: Institucional; Ensino; Pesquisa e Extensão; Exposições Curriculares; Eventos; Saídas de Campo; e Itinerários - e atua na coleta de evidências que contribuem para analisar a história da Museologia na Região Sul do Brasil, com enfoque no ensino da área na UFRGS. A disseminação do acervo para pesquisas se dá por meio do repositório digital Tainacan¹², constituindo-se em um sistema de informação para o usuário.

As três experiências citadas exemplificam as tentativas de estabelecer políticas de gestão do patrimônio educativo. Vinculadas à história de uma formação profissional ou às práticas de ensino de uma região, seus critérios delineiam os recortes temáticos e reforçam que é possível construir essas histórias por meio da cultura material. Ao assumirem um comprometimento com a preservação do patrimônio educativo por meio de sua musealização, o CEDOC-CEIHE, o NUMMUS e o LAPEM, entre tantas outras importantes iniciativas cumprem um papel social ao se tornarem espaços de produção e disseminação do conhecimento.

HOMEM/SOCIEDADE = agentes do campo dos museus que legitimaram a educação em museus

Os museus e o patrimônio cultural são idealizados, geridos e apropriados por pessoas. Essa é uma afirmação que parece indiscutível e não teve até o momento a devida atenção. Há poucas pesquisas sobre os agentes envolvidos com o campo dos museus e as que existem são prioritariamente referentes aos diretores de museus. Porém, há um corpo

¹² Para acessar o repositório digital do programa *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, disponível em: <http://memoriamslufrgs.online/tainacan/colecoes/>. Acesso em 8 mar 2019.

funcional em cada instituição atuando cotidianamente nas práticas museais e, entre elas, está a educação em museus.

Ao acompanhar a trajetória dos agentes envolvidos com a educação em museus, identifica-se uma atuação crescente desses profissionais/sujeitos no decorrer do século XX. O debate se potencializa em meados desse período fomentado, por exemplo, pelo Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, mencionado anteriormente. Ao investigar as produções do período Faria (2017a, p.261) aponta algumas observações:

A partir dos indícios encontrados, verifiquei que as estratégias [educativas] concebidas voltavam-se para duas ênfases: a) a intensificação das pesquisas sobre o patrimônio, denominada por agentes de pesquisa do objeto; b) as soluções expográficas que estimulariam a educação visual pelo patrimônio, intituladas de pesquisa educacional. Os debates analisados indicam que o tema da educação foi um dos motivadores que promoveram uma ruptura da concepção de museu-guardião, ou seja, os profissionais de museus passaram gradativamente a defender que aos museus caberia, além da função de preservar, as funções de pesquisar e divulgar a materialidade na condição de patrimônio. O desafio era desenvolver estratégias de comunicação das narrativas instituídas pelas instituições. O público, a partir de então, ganhou gradativamente a atenção dos agentes e agências que atuavam no campo dos museus.

Faria (2017a) salienta que as iniciativas voltadas para a educação em museus influenciavam toda a cadeia museográfica - coletar, conservar, estudar, interpretar e exibir - contribuindo para a execução de um novo desafio a ser cumprido pelos museus: seu papel social. A autora apresenta três motes que sustentavam o aprimoramento da educação em museus: a educação visual; a educação para o povo; e o projeto de nação assegurado pela instrução pública (Idem, 2017a). Compreender esse movimento no campo dos museus exige acompanhar a trajetória de alguns dos seus agentes.

No ensejo do Seminário Regional da UNESCO, realizado em 1958 no Rio de Janeiro, ocorreu a publicação de algumas obras especializadas que abordaram a educação em museus. Algumas delas tinha o assunto como tema central. Três obras publicadas nesse ano chamam a atenção: os livros *Recursos Educativos dos Museus Brasileiros*, de Guy José Paulo de Hollanda; *Museu e Educação*, de Florisvaldo dos Santos Trigueiros; e *Museu Ideal*, de Regina Monteiro Real, “[...] materiais que demonstram uma sintonia dos profissionais do País com os debates internacionais da área” (FARIA, 2014, p.54). Ao ler as publicações

é difícil não pensar em quem foram os autores, em quais contextos estavam inseridos, e o que os levou a produzirem esses materiais, singulares na conjuntura da época.

No Brasil, alguns trabalhos contribuem para um mapeamento desses agentes, explorando em uma perspectiva macro suas atuações, a fim de compreenderem suas contribuições na formulação do papel educativo dos museus. Quando aproximamos, por exemplo, os trabalhos de Bemvetuni (2004), Pereira (2010) e Faria (2017a) - pesquisas com diferentes objetos de estudo que abordaram a história da educação em museus - identificamos alguns nomes recorrentes que participaram do processo de legitimação da educação no campo dos museus. Esses agentes são profissionais de diversas áreas do conhecimento, sendo mais numerosos os educadores e conservadores de museus, tais como: Francisco Venâncio Filho, Edgar Süssekind de Mendonça, Sigrid Porto de Barros, Bertha Lutz, José Antonio do Prado Valladares e Florisvaldo dos Santos Trigueiros.

Ainda que algumas pesquisas articulem a produção desses agentes a fim de compreender as dinâmicas do campo que consolidava a educação como uma função constante dos museus contemporâneos, há a necessidade de investigações mais aprofundadas para apreender o itinerário desses profissionais, especialmente suas trajetórias profissionais vinculadas à educação em museus. Poucos trabalhos se dedicaram a imersões com esse propósito e destacamos a dissertação de Lia Gomes Pinto de Sousa (2009), que investiga a trajetória de Bertha Lutz no Museu Nacional, com um capítulo dedicado ao que a profissional compreendia como o papel educativo do museu moderno; o artigo de Ceravollo e Santos (2007), que explora as contribuições de José Antonio do Prado Valladares para o campo dos museus, entre elas seu livro *Museus para o povo: um estudo sobre museus americanos*, de 1946; e as publicações de Faria (2013, 2017b), que evidenciam as conservadoras de museus que participaram ativamente dos debates ocorridos sobre educação em museus, com ênfase nas publicações de Nair de Moares Carvalho e Regina Monteiro Real, respectivamente.

Destaca-se, ainda, iniciativas como a pesquisa *O campo dos museus brasileiro: uma História dos Museus a partir da atuação de seus agentes*, vinculada à UFRGS e desenvolvida pelas autoras desse artigo. Sua proposta é investigar o itinerário de agentes e organizações que atuaram no campo dos museus, especialmente na região Sul do Brasil, na primeira metade e meados no século XX. Ao identificá-los, procura-se mapear suas contribuições para o campo, especialmente na educação em museus. A pesquisa foi iniciada em 2018 e

investigações estão ocorrendo nos arquivos institucionais do Museu Júlio de Castilhos (MJC) e Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS). Levantamentos parciais indicam que profissionais da região Sul estavam articulados com debates do campo em nível nacional e internacional, bem como atualizados sobre as estratégias do período voltadas para a educação em museus, embora seus nomes não sejam visibilizados pela História dos Museus brasileira.

Acredita-se que há mais agentes que atuaram nos museus e que tinham uma atenção voltada para a educação, mas, por falta de pesquisas, não são ainda evidenciados na construção da história da educação em museus. A necessidade de ir aos arquivos institucionais mapear essas trajetórias é iminente, pois cada nova publicação revela o quanto os profissionais brasileiros estavam atualizados com as novas práticas educativas, aplicando-as como estratégias educacionais nos museus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como profissionais que atuam no campo dos museus, temos internalizado que a educação é uma função dos museus e que esse é um viés para o alcance de seu papel social. Pouco refletimos sobre como essas ações são construções que direcionaram as atribuições dos museus na contemporaneidade. Agentes como Heloisa Alberto Torres, que em 1925 se tornou uma das primeiras funcionárias do Museu Nacional¹³, já em 1958 enfatizava que a educação em museus era consequência direta da atuação dos profissionais dessas instituições, afirmando que a valorização e a discussão sobre a ação educativa teria sido obra dos técnicos de museus (PEREIRA, 2010).

No que tange a educação no campo museal podemos afirmar que importantes estratégias foram experimentadas e implementadas nos museus brasileiros. Se nas primeiras décadas do século XX há evidências dos debates sobre expografia para uma educação visual e a concepção de um museu para o povo, na segunda metade do mesmo século observamos um aprimoramento do tema, com metodologias aplicadas à nossa

¹³ Destaca-se também a carreira de Bertha Lutz iniciada no mesmo Museu em 1919. Bertha Lutz também se interessou pelos debates sobre educação em museus. Para mais informações: LUTZ, Bertha Maria Julia. *A função educativa dos Museus, 1932*. Adaptação de Guilherme Gantois de Miranda; Maria José Veloso da Costa Santos; Silvia Ninita de Moura Estevão e Vitor Manoel Marques da Fonseca. Rio de Janeiro: Museu Nacional; Niterói: Muiraquitã, 2008. 240p.

realidade museal, a exemplo da Educação Patrimonial, Educação Triangular e Educação para o Patrimônio. Essas experiências levaram a existência atual de um importante documento norteador: a Política Nacional de Educação Museal (PNEM)¹⁴.

Reforça-se, portanto, que há muitos caminhos possíveis de se estudar os museus e patrimônios na perspectiva da História da Educação. As opções de pesquisa são múltiplas, que vão das instituições aos agentes envolvidos na dimensão educativa dos museus. Esperamos que esse recorte seja aderido por diversas investigações, contribuindo, assim, para a consolidação de uma História da Educação em Museus.

Referências

ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar Antonio Callegato; TEIXEIRA, Vanessa Barrozo. CEDOC e CEIHE: espaços de preservação da memória escolar. *Revista História da Educação*, Porto Alegre, v.19, n.47, 2015. p.313-317. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/heduc/v19n47/2236-3459-heduc-19-47-00313.pdf>. Acesso em 8 mar. 2019.

BASTOS, Maria Helena Camara. História da Educação (Verbetes). In: MOROSINI, Marília Costa (Coord.). *Enciclopédia de Pedagogia Universitária*. Glossário, v.2. Brasília: INEP, 2006. p.67-68.

_____. *Pro Patria Laboremus: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002. 350p.

BEMVENUTI, Alice. *Museu e Educação - História, Metodologias e Projetos, com análises de caso: Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, Niterói e Rio Grande do Sul*, 2004, 393p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/49164>. Acesso em 8 mar. 2019.

CASTRO, Renata Brião de; GASTAUD, Carla Rodrigues. O que são centros de documentação? O caso do Centro de Documentação do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 263-282, 2017. Disponível em: revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/download/1984723818372017263/pdf. Acesso em 8 mar. 2019.

CENTRO DE ESTUDOS E INVESTIGAÇÕES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. *Apresentação do CEIHE*, s.d. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ceihe/apresentacao-do-ceihe/>. Acesso em 8 mar. 2019.

¹⁴ Para acessar a PNEM, disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em 22 fev. 2019.

CERAVOLO, Suely Moraes; SANTOS, Daisy Conceição dos. Apontamentos sobre José Antonio do Prado Valladares - “um homem de museu”. *Cadernos do CEOM*, ano 20, n.26, 2007. p.195-221. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2025/1106>. Acesso em 8 mar. 2019.

CURY, Marília Xavier. Museologia, novas tendências. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia de N. M. (orgs.). *Museu e Museologia: Interfaces e Perspectivas*. Rio de Janeiro: MAST, 2009. p.25-41 (MAST Colloquia, n. 11). Disponível em: http://site.mast.br/hotsite_mast_colloquia/pdf/mast_colloquia_11.pdf. Acesso em 26 fev. 2019.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. A participação de Regina Monteiro Real no debate sobre educação em museus: indícios da contribuição das profissionais do campo dos museus. In: *Encontro da Associação Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação*, Rio Grande, RS: FURG, 2017b, p.500-511. Disponível em: <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2018/10/31/asphe-anais-encontros/?fbclid=IwAR2hp5EoZr6ex-U9CCi6KKjm3tWuwU9LEJlnvVAu9F00h7DSMtjZAWnIU5A>. Acesso em 8 mar. 2019.

_____. Educação em museus: um mosaico da produção brasileira em 1958. *Mouseion*, Canoas, n.19, 2014, p.53-66. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/1867/1235>. Acesso em 8 mar. 2019.

_____. *Educar no Museu: O Museu Histórico Nacional e a educação no campo dos museus (1932-1958)*, 2017a, 296p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017a. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/158339>. Acesso em 8 mar. 2019.

_____. O caráter educativo dos museus: apontamentos a partir de documentos escritos por Nair de Moraes Carvalho em meados do século XX. In: *Seminário de Pesquisa em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola*, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2013. p.167-176.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da cultura escolar: a importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. *Pro-Posições*, v. 16, n. 1 (46), jan./abr. 2005. p.87-102. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2293/46-dossie-felgueirasml.pdf>. Acesso em 8 mar. 2019.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação, 1990. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. Vol.1, 1.ed., São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 203-210.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. O “link” (ou a relação) das coisas com os objetos, com os documentos, com o museu e o que isso tudo quer dizer... In: *Mouseion*, Rio Grande do Sul:

UnilaSalle Editora, 2014. p.43-52. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/1882>. Acesso em 8 mar. 2019.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. *Caderno de Diretrizes Museológicas I*. Brasília: MinC/IPHAN/DEMU; Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2006. p.19-32.

LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997. 369p.

PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. *Educação museal - Entre dimensões e funções educativas: a trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional, 2010, 180p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://ppg-pmus.mast.br/dissertacoes/marcele_regina_nogueira_pereira.pdf. Acesso em 27 fev. 2019.*

PETRY, Marília Gabriela; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Museu escolar: sentidos, propostas e projetos para a escola primária (séculos 19 e 20). *Revista História da Educação*, v.17, n.41, p.79-101, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2236-34592013000300006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 26 fev. 2019.

POSSAMAI, Zita Rosane. Patrimônio e História da Educação: aproximações e possibilidades de pesquisa. *Revista História da Educação*, v. 16, n. 36, p. 110-120, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/19976>. Acesso em 26 fev. 2019.

SÁ, Ivan Coelho. Unirio abre espaços de pesquisa e discussão da museologia. *Revista Musas*, n.3, 2007. p.175-176. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/01/Musas3.pdf>. Acesso em 8 mar. 2019.

SEMINÁRIO DE MUSEUS VISITA O MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1958.

SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE MUSEUS. Artes Visuais. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1958.

SIQUEIRA, Graciele Karine; GRANATO, Marcus; SÁ, Ivan Coelho de. Relato de experiência: o tratamento e a organização do acervo documental do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, Rio de Janeiro. *Revista CPC*, São Paulo, n. 6, 2008. p. 142-169. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15628/17202>. Acesso em 8 mar. 2019.

SOUSA, Lia Gomes Pinto de. *Educação e profissionalização de mulheres: trajetória científica e feminista de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937)*, 2009, 175p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/3997>. Acesso em 8 mar. 2019.

SOUZA, Rosa Fátima de. Preservação do patrimônio escolar no Brasil: notas para um debate. *Revista Linhas*, v.14, n.26, 2013. p.199-221. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723814262013199>. Acesso em 8 mar. 2019.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. História, memória e história da educação. In: ____ (orgs.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*, vol. III - século XX. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 416-429.

TAMBARA, Elomar Antonio Callegato; TARRIADA, Eduardo; TEIXEIRA, Vanessa Barrozo. A preservação do patrimônio escolar: o caso do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE). *IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, 2012. Lisboa: Guide - Artes Gráficas Lda, 2012. p.5881-5891. Disponível em: <http://colubhe2012.ie.ulisboa.pt/wp-content/uploads/COLUBHE-2012-pp.-3221-final1.pdf>. Acesso em 8 mar. 2019.

VISITA GUIADA DE ESTAGIÁRIOS AO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1958.

WITT, Nara Beatriz. *"Uma joia" no sul do Brasil: O Museu de História Natural do Colégio Anchieta, criado em 1908 (Porto Alegre/RS)*, 2016, 116p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/151642>. Acesso em 27 fev. 2019.

Enviado em: 15.03.2019

Aceito em: 03.04.2019